



EXCURSÕES GEOGRÁFICAS E DERIVAS: pesquisa e jogo urbano no centro da cidade de Campina Grande-PB

Daniel Almeida Bezerra (UFPB)
bezerradanielalmeida@gmail.com

Resumo: O presente texto é resultado da dissertação de mestrado em Geografia realizado na Universidade Federal da Paraíba na Linha de Pesquisa Educação Geográfica. Nele apresentamos de forma sucinta os delineamentos teóricos que consubstanciaram a nossa reflexão em torno das caminhadas na cidade como proposta de educação do olhar geográfico. Notadamente destacamos a importância das excursões geográficas e da caminhada à deriva neste intento.

Palavras-Chave: Cidade, Excursão Geográfica, Deriva.

GT2: A educação Geográfica, suas Linguagens e Representações Espaciais

INTRODUÇÃO

É caminhando que nos construímos e instauramos uma cidade. Buscamos construir no mestrado em Geografia realizado no PPGG-UFPB, sob a orientação do Profº Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso, uma proposta de educação geográfica na cidade a partir de caminhadas e de uma educação do olhar geográfico (BEZERRA, 2017). Nessa direção praticamos o centro histórico da cidade de Campina Grande, na Paraíba, através de quatro excursões geográficas e de uma caminhada à deriva.

Nestas caminhadas indagamos: que educação geográfica as excursões e a caminhada à deriva, no centro da cidade de Campina Grande, nos oferecem enquanto experiência do olhar e do caminhar? Essas práticas espaciais foram construídas no âmbito do Estágio Docência do mestrado em Geografia (UFPB-UEPB). Com estas caminhadas objetivamos, juntamente com docentes e discentes da Geografia, vivenciar para compreender e, compreender para transformar o espaço geográfico do centro histórico da cidade de Campina Grande, na Paraíba, em uma ambiência geográfico-educativa.



EXCURSÕES GEOGRÁFICAS NA CIDADE E A DIDÁTICA URBANA

A excursão geográfica trata-se de um conceito procedimental da pesquisa científica geográfica. Delgado de Carvalho (1941) propôs a excursão geográfica originariamente no Brasil, como proposta de ensino e de aprendizagem geográfica, através do artigo intitulado *A excursão geográfica*. Ela era parte do programa de pesquisa e da formação do pesquisador, geógrafo, na Universidade.

Assim “[...] para um fenômeno merecer o qualificativo de geográfico, é necessário que o fator *posição* ou *situação* o venha diferenciar. [...]” (CARVALHO, 1941, p. 864). Por conseguinte, “[...] Podemos designar, descrever e explicar muitos fenômenos, [e] nem por isso serão geográficos; só virão a sê-lo se o *fator posição* os venha diferenciar” (CARVALHO, 1941, p. 864). Segundo Gomes (2013), a “*posição*” do sujeito que observa a cidade, seus pontos de vista, juntamente com os conceitos de “*composição*” e de “*exposição*”, estatuem os fundamentos da *visibilidade do fenômeno geográfico* a ser estudado, bem como sua espacialidade. A *posição* é-nos, portanto, um fundamento para a educação do olhar e da observação geográfica.

A excursão “[...] consiste em preparar o estudante a compreender a sua *posição* individual, [...], dando-lhe o sentido da direção, do quadro geográfico imediato visível e próximo invisível, além do horizonte.” (CARVALHO, 1941, p. 865). Assim entendido, “[...] O contacto com a realidade determinaria, por si só, o início de todo um processo de aprendizagem” (CARVALHO, 1941, p. 866). É interessante notar que a ordem dos fatores entre a teoria e a prática já é bem sublinhada por Carvalho (1941).

Se o contato com a realidade deve ser o ponto de partida – isto não significa que o professor não possa planejar essa atividade antes da sua ida ao *campo de pesquisa*. Muito pelo contrário, o professor precisa, sim, planejar essa *imersão na realidade concreta* juntamente com seus alunos. Porém, a ressalva que fazemos é a de que o olhar dos discentes não seja filiado a correntes teórico-metodológicas antes mesmo deles formularem suas próprias



problemáticas a partir da experiência do olhar e, por conseguinte, da observação geográfica.

As excursões geográficas podem, assim, contribuir para a aprendizagem geográfica, pois, “[...] Uma boa excursão, bem executada, equivale, a meu ver, a muitas aulas” (CARVALHO, 1941, p. 866). Assim, a cidade se apresenta como um objeto do conhecimento privilegiado para a construção da aprendizagem geográfica. Nela, a dialética entre sociedade e natureza se faz visível.

Conforme Cardoso (2008b), já em 1895, no Brasil, foi instituído o *Programma do Ensino do Gynmnasio Nacional*, que continha sugestões de excursões, passeios e aulas de campo. Nas décadas de 1920 e 1930, os professores Penteado Jr. e Delgado de Carvalho, ambos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tiveram destacada produção científica produzida a partir de excursões geográficas. Conforme Cardoso (2008a) elas se inseriam no contexto de uma metodologia intuitiva.

Segundo Cardoso (2008a, 2008b, 2013, 2014), a origem histórica dos passeios e excursões escolares datam do fim da década de 1870, na França. Depois da França, Cardoso (2008a) destaca a proposta da educação mexicana no século XX, voltada para os passeios e excursões escolares, prática presente na Argentina desde 1910. Essas “escolas”, segundo ele, tinham vieses políticos bem definidos: anarquistas e libertários – ele destaca como exemplo os movimentos: Escola Nova, Escola Moderna, Escola Racionalista.

Concebemos as excursões geográficas dentro do contexto do Estágio Docência a partir da elaboração de itinerários do centro da cidade de Campina Grande-PB. Consideramos as excursões como um modo de educação do olhar o geográfico: *olhar espacial* (GOMES, 2013). Nessas excursões, a caminhada se apresentou para nós como prática espacial geográfico-educativa voltada à observação da dinâmica sócio-espacial do centro da cidade de Campina Grande-PB. Nelas destacamos a importância do uso do caderno de campo pelos discentes e seus relatos de espaço (DE CERTEAU 1998).



As caminhadas enquanto práticas espaciais (DE CERTEAU, 1998) registram marcas tanto no lugar onde são realizadas quanto nos indivíduos que as realizam. Através delas buscamos transformar o espaço geográfico da cidade, em *lugar*, em ambiência educativa. Para tanto trabalhamos com a noção de *Didática Urbana* proposta por Cardoso (1996, 2002, 2011).

Em *A cidade não revelada*, esta *Didática Urbana* está expressa de modo sucinto no capítulo intitulado *A semiótica urbana e as novas teorias velhas do lugar*. Nele, a *Didática Urbana* revela-se como uma crítica à Geografia Comportamental, a qual vê, relação de causalidade, pelo conjunto estímulo-resposta, entre o sujeito do conhecimento e as coisas que afetam os seus sentidos (corpóreos). Mas o que ela pretende? “O que se pretende é identificar as imagens individuais e introduzir a noção de lugar no trato e retrato da cidade [...]” (CARDOSO, 1996, p. 22.). Isto a partir de atitude emotivas e tomando a cidade como lugar da existência.

Nesse sentido, propomos as excursões geográficas como práticas espaciais geográfico-educativas, articuladoras de um conjunto de itinerários, cenários urbanos, objetos, prédios, pessoas, bem como seus respectivos significados: estético, ético, e políticos da cidade. Nesta proposta de construção do conhecimento geográfico no centro da cidade de Campina Grande-PB colocamos em diálogo o nosso olhar com outros olhares. Esses discursos do olhar expressos numa “*costura*”, formam o tecido que dá sentido político à cidade. Nas excursões, esses elementos se estruturam analiticamente através dos conceitos de: (i) posição; (ii) composição; e (iii) exposição, os quais, por sua vez, juntos compõem, segundo Gomes (2013), a visibilidade e a espacialidade do(s) fenômeno(s) geográfico(s).

A imagem dinâmica da cidade proposta por Gomes (2013) se distancia da proposta da *Didática Urbana* proposta por Cardoso (2008a, 2008b, 2013, 2014), na exata medida em que se apresenta como produto da trama locacional, enquanto jogo de posições relativas. Na acepção da *Didática Urbana*, esse foco volta-se para a corporeidade e a afetividade do sujeito que



caminha na cidade. Na primeira perspectiva, abrem-se os *campos de visibilidade objetiva*. Na segunda, as aberturas promovidas pela intersubjetividade dos sujeitos caminhantes *campos de visibilidade subjetiva*.

Para nós, essa dupla visibilidade dos fenômenos geográficos na cidade é construída através de processos que compõem a educação do olhar geográfico realizada, por sua vez, através das caminhadas destras (excursões) e erráticas (derivadas), ambas realizadas pelos discentes da Licenciatura em Geografia e, por nós, na cidade, num processo de construção do conhecimento geográfico.

“Assim, as várias perspectivas psicológicas são brechas do mundo real, [...] Isto inclui-se naquilo que se habituou chamar de não revelada: o processo de sentir e pensar a cidade de modo próprio” (CARDOSO, 1996, p. 22). Nesta *Didática Urbana* a prática de caminhar envolve *ludicidade* no processo de conhecer e estudar geograficamente a cidade. Salientamos que nesta *Didática Urbana* cabe-nos, “ressaltar que os procedimentos realizados são tentativas de identificar no espaço urbano os lugares representativos, não como forma de fazê-los categorias centrais, mas indicar [...] metodologias materialistas” (CARDOSO, 1996, p. 23).

Na perspectiva proposta por Gomes (2013), a caminhada se apresenta como articuladora da trama locacional e, por conseguinte, como articuladora de categorias que hierarquizam os lugares, através de *campos de visibilidade* – alguns espaços são verdadeiros espaços-vitrines, espetaculosos, outros, espaços opacos. Temos em posição diametralmente oposta a *Didática Urbana*, na qual “[...] sentir e imaginar a cidade é um recurso de profundidade, a partir do momento que se entende que caminhar e observar a cidade significa interiorizá-la na alma. [...]” (CARDOSO, 1996, p. 23-24). Tais elementos da *Didática Urbana* proposta por Cardoso (1996) é compatível com os elementos da Internacional Situacionista da qual participava Debord, um dos formuladores do jogo de caminhar à deriva. Assim considerada a *Didática Urbana* proposta por Cardoso (1996, 2002, 2008, 2011) dialoga com a proposta do italiano



Francesco Careri (2013) em *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Nela, o autor propõe o *caminhar a zozzo* como proposta de deriva.

A excursão geográfica é antes de tudo uma prática espacial de descoberta do espaço geográfico da cidade. Através delas podemos realizar uma educação geográfica na cidade. Portanto, através da prática espacial das excursões geográficas procuramos contribuir para a construção de novas formas de olhar e viver a cidade.

CAMINHAR À DERIVA: elementos do jogo urbano

A história da deriva se confunde com a história das narrativas urbanas. Segundo Jacques (2012), o jovem histórico das *narrativas urbanas* erráticas pode ser resumido em três fases. Estas, ao mesmo tempo, representam fases do urbanismo moderno. O primeiro período, trata-se do período das *flanêries*, ou *flanâncias*, propostas pelos franceses no final do século XIX. Aqui, o objeto da crítica se voltava para a primeira modernização das cidades. No segundo período, temos as *deambulações* como proposta do caminhar errático entre 1910 e 1930. Nesse período, temos os trabalhos das *vanguardas modernistas*, apresentadas ao público brasileiro na Semana de Arte Moderna de 1922. A ideia destas vanguardas era a de produzir, no nosso entendimento, novas formas de visibilidade da arte face àquelas fôrmas do olhar alienadas (europeias). Já no terceiro período, temos as *derivas*, propostas entre os anos de 1950 e 1970, com uma crítica ao modernismo no pós-guerra. Segundo Jacques (2012), desenvolveram narrativas urbanas erráticas, no Brasil, tanto os modernistas (1920-1930) quanto os tropicalistas (1960): João do Rio, Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica.

Ainda sobre o jogo da deriva, devemos considerar a importância da Internacional Letrista (IL). Ela precede a Internacional Situacionista, criada por Guy Debord e seus amigos. Entre 1952 e 1957, os membros da IL publicaram, segundo Jacques (2012), 29 números do periódico *Potlatch*. A tônica inicial



desse periódico aproximava o cotidiano da cidade com a arte, em especial com o *surrealismo*.

Nessa direção, este periódico contribuiu com a construção de uma crítica ao funcionalismo urbano moderno. Na primeira edição do Periódico da IL *Potlatch*, publicada em Paris em 16 de junho de 1954, a deriva aparece pela primeira vez como proposta de um jogo. Nela, a deriva é proposta com o seguinte título: *O jogo psicogeográfico da semana*. A deriva como jogo foi proposto dentro de uma acepção anárquica, libertária, voltado para a reunião de amigos no espaço urbano da cidade e, ao mesmo tempo em que nos propõe a construção de uma atmosfera, uma ambiência, lúdica de compreensão desse espaço geográfico. Assim “[...] a experiência psicogeográfica estava diretamente ligada à prática da deriva [...]” (JACQUES, 2012, p. 179). Nas derivas, temos a proposta de ressignificação do urbanismo enquanto conjunto sócio-espacial da cidade. O prêmio de uma deriva tem validade distinta daquele obtido através de caminhadas destrás na Academia, pois ele é a própria descoberta da cidade.

Segundo Jacques (2012), Charles Furrer, um idealizador das derivas, assim como Debord, a denominava de *livre jogo das paixões*. Hélio Oiticica propunha a deriva no contexto da intervenção urbana *Parangolé* por: (i) “intencionais situações”; (ii) “instaurações situacionais”; (iii) “situações a serem vividas”. É nesse sentido que entendemos se aproximar a deriva da proposta do *Delirium Ambulatorium* da deriva, proposta por Debord.

As derivas na cidade se expressam como modos de olhar e de caminhar na cidade de forma crítica, subversiva. Essa crítica está voltada para a cidade como espetáculo, para o consumo de imagens-simulacros da cidade. Através dela podemos desestabilizar, subverter essa lógica com as desorientações e a proposta de outros ritmos, mais lentos, de leitura da cidade. Com a deriva procuramos fazer dos espaços banais, comuns da cidade um espaço da partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005), da construção da nossa alteridade, do exercício da liberdade como expressão do olhar, do pensar e do agir coletivo.



Com base nesses elementos, entendemos que essa apropriação ou *incorporação* da deriva no Brasil é a expressão de um daqueles movimentos de vanguarda modernistas. Essa “antropofagia” do modo de caminhar errático é-nos manifesta na década de 1920, notadamente na Semana de Arte Moderna de 1922. Nela, Tarsila do Amaral concebeu como obra ícone do Movimento Antropofágico a pintura em tela *Abaporu*. Nela, a imagem nos coloca como observadores na perspectiva do olhar de uma formiga em relação ao sujeito que aparece na tela. Com o pé em primeiro plano, o nosso olhar é convidado a experimentar um novo ângulo do mundo. Nessa experiência do olhar, Tarsila do Amaral nos convida a diminuir o nosso ego e, com esta redução, talvez a (re)visão de nossa relação egocêntrica, individualista, nas nossas cidades. Outra possibilidade é pensarmos que, na proporção inversa à estatura da visão, há uma ampliação da perspectiva com que observamos o mundo. Esta é a perspectiva da formiga. Outra possibilidade é pensarmos: se somos posicionados no ponto de vista em que a formiga olha o mundo, somos também convidados a um movimento lento, a “passos de formiga”. Estes são alguns elementos que expressam o movimento errático da deriva.

No Brasil, a deriva é “antropofagicamente” incorporada como tema de pesquisas em Programas de Pós-Graduação, a exemplo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), através de grupos de trabalho liderados pela Prof.^a Dr.^a Paola Berenstein Jacques e, pelas pesquisas do Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso, na UFPB. Jacques (2012), além da obra *Elogio aos errantes*, oferece-nos outros trabalhos os quais dão contorno ainda mais preciso à deriva e aos desdobramentos da relação corpo-cidade.

O nosso desafio, na deriva, foi o de construirmos, ao lado dos discentes da Licenciatura em Geografia da UEPB, novas formas de vida urbana e novas perspectivas do olhar geográfico para a cidade. A direção desse olhar é aquela que se assenta nas bases das metodologias materiais ou intuitivas, propostas pelo Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso.



As errâncias são um convite à aprendizagem sócio-espacial, geográfica da cidade. Para Jacques (2012), os caminhantes atualizam, através de sua prática, o sentido ou os significados do próprio urbanismo na cidade. Segundo ela, caberia aos urbanistas planejar o uso do espaço, mas a prática cotidiana é feita por eles, os caminhantes, que, ao errarem pela cidade, produzem geografias. A deriva se caracteriza também, conforme Jacques (2017) pela lentidão dos errantes. Essa lentidão se contrapõe ao ritmo acelerado que a própria cidade moderna lhes impõe. Há ainda através da deriva um processo de incorporação ligado à materialidade física, corporal, que se contrapõe a ideia contemporânea do virtual, do imaterial e do incorporeal (JACQUES, 2012). Em síntese, para a Jacques (2012) as errâncias são constituídas pela: (i) desorientação; (ii) lentidão; (iii) incorporação. Estas dimensões estão ligadas à corporeidade do caminhante.

Nesse horizonte, a crítica que formulamos é a de que a nossa experiência contemporânea da cidade é cada vez mais desencarnada. É como se as cidades ganhassem progressivamente o aspecto de cidade-cenográfica. A deriva é, pois, uma espécie de “antídoto” a esta esterilização da nossa experiência do espaço geográfico da cidade, no sentido debordiano. Destarte, o errante é o maior crítico do espetáculo urbano. A composição das errâncias em deriva nos oferece o oposto da cidade-logotipo - por que não dizer, da *cidade cartão-postal*, com paisagens específicas, de sua expressão suporte-mercadoria. Jacques (2012) define por “espectadores” aqueles que se voltam à cidade-espetáculo, de modo “desencarnado”. Nessa perspectiva os caminhantes inventam a cidade no momento em que a experimentam. Portanto, caminhar é dar vida à cidade.

Outra contribuição à compreensão da deriva é-nos apresentada por Almeida e Lanza (2013), quando publicam o texto *Deriva cartográfica: ação-paixão-participação*, pertencente ao livro *Imagens, geografia e educação: intenções, dispersões e articulações*. A obra gravita em torno dessas palavras-chave: imagens, Geografia e educação.



Nessa direção, também lança luzes sobre o tema “deriva” duas teses doutorais. A primeira de Montañez (2014), intitulada *La deriva situacionista como herramienta pedagógica*. E, a segunda, a de Rorígues (2005), intitulada *Orientación y desorientación en la ciudad – la teoría de la deriva – indagación em las metodologías de evolución de la ciudad desde un enfoque estético-artístico*. Rorígues (2005) destaca seis aspectos constitutivos da deriva. São eles: (i) caráter intencional de objetividade; (ii) caráter urbano; (iii) caráter consciente; (iv) o azar; (v) os derivantes. O ponto seis se divide em dois pontos: (vi.1) o tempo e o ponto (vi.2) o espaço.

Se a essência do método é oferecer-nos uma orientação, um rumo para a realização de alguns objetivos, a deriva, então, na perspectiva proposta por Guy Debord, apontaria para um jogo (urbano) de desestabilização do olhar, na exata medida em que não parte de uma orientação, mas de uma desorientação. Por não ser um método, também não se apresenta como uma disciplina – mas como uma transgressão dos tempos e formas de vivência do espaço geográfico impostos pela cidade-espetáculo.

Nesse panorama, no primeiro semestre de 2017, realizamos debates no componente Estudos Especiais em Cidade e Educação, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos A. de A. Cardoso, em torno da aproximação errática da cidade, a partir de *narrativas urbanas literárias*. Dentre essas obras destacamos o conto de Rubem Fonseca (1992), intitulado *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* e a crônica de Rio (1995), intitulada *A rua*. Utilizamos também na realização da deriva um filme curta-metragem, inspirado neste livro de crônicas de Rio (1995) intitulado *A alma da rua*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As excursões geográficas e a caminhada à deriva, realizadas conjuntamente com os docentes e discentes da Licenciatura em Geografia (UEPB) e, da Pós-Graduação em Geografia (UFPB), descortinaram um rica



didática urbana, geográfica, do centro da cidade de Campina Grande-PB. Sua arquitetura *Art Déco* (1940) e *Beaux-Arts* (ferro de passar), seus prédios-galerias a exemplo do Palomo; sua Rodoviária Velha como centro de articulação regional e com uma rica gama de serviços e artesãos; suas praças centrais e as amenidades que nos convidam à permanecer um pouco mais; seu Museu Histórico e Geográfico e a memória oficial da cidade contada nos registros ali contidos; o Calçadão da Cardoso Vieira como espaço de construção de uma sociabilidade e de uma consciência política na cidade, dentre outros elementos da educação geográfica proporcionada pela geografia da cidade.

Entendemos que o jogo não se identifica com um método, mas pode, sim, ser articulado com os conceitos da pesquisa geográfica. Por conseguinte, entendemos que a própria Geografia se enriquece com essa interface entre o jogo da deriva e o andar orientado, destro, das excursões. Juntas, são duas práticas espaciais distintas que, no nosso entendimento, complementam-se no desafio de formar o olhar geográfico na experiência de viver, conhecer e revelar a cidade. Juntas, excursões geográficas e as caminhadas à deriva conjugam pesquisa e ludicidade aos processos de construção do conhecimento geográfico, e enriquecem, portanto, a educação geográfica na e da cidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caio Gusmão Ferrer de; LANZA, Renata. Deriva cartográfica: ação-paixãoparticipação. In: FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira; NUNES, Flaviana Gasparotti (Orgs.). **Imagens, geografia e educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourador-MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

BEZERRA, Daniel Almeida. **A arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças pelo centro de Campina Grande-PB**. 324 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A cidade não revelada**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1996.

_____. Um ponto de vista geográfico nos manuais didáticos brasileiros: os passeios e as excursões escolares. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 10. n. 1, p. 93-105, 2008a.

_____. Manuais didáticos brasileiros: os passeios e as excursões escolares. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 10, p. 93-105, 2008b.



_____. A cidade, a educação e o ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (Orgs.). **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino da geografia**. Goiânia-GO: Editora da PUC Goiás, 2011.

_____. Didática urbana: cotidiano e espaço pedagógico. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPED, 25, 2002, Caxambu. Educação: manifestos, lutas e utopias. Caxambu, MG: ANPED. 1 CD-ROM.

_____. Excursões escolares e formação de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 12, 2013, João Pessoa. Formação, Pesquisa e Práticas Docentes: Reformas Curriculares Em Questão. **Anais...** João Pessoa-PB: UFPB. p. 1-14. 1 CD-ROM.

_____. Passeios e excursões escolares: os conteúdos geográficos em manuais didáticos brasileiros (1880-1930). In: MARTINS, E.M.W.; TONINI, I.M.; GOULART, L.B. (Orgs.). **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. 1. ed. Santa Cruz do Sul-RS: EDUNISC, 2014, v. 1, p. 61-84.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG, 2013.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. A excursão geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 864-873, out./dez. 1941. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 out. 2015.

DE CERTEAU, Michel. Terceira parte: práticas do espaço: caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Tradução de Aphaïm Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FONSECA, Rubem. A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. In: _____. **Romance Negro e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 09-50.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. 331p.

MONTAÑEZ, Mônica H. Amierva. **La deriva situacionista como herramienta pedagógica**. 2014. 323f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: 34, 2005.

RIO, João do. A rua. In: _____. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. Rio de Janeiro: Editora da Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RODRÍGUES, Sílvia López. **Orientación y desorientación en la ciudad**. La teoría de la deriva. Indagación en las metodologías de evolución de la ciudad desde un enfoque estéticoartístico. 2005. 344f. Tese (Doutorado em Belas Artes) - Programa de Bellas Artes —Alonso Canoll, Universidade de Granada, Granada-Espanha.